

Autorização concedida a Biblioteca Central da Universidade de Brasília pelo autor para disponibilizar a obra, gratuitamente, para fins acadêmicos e não comerciais (leitura, impressão e/ou download) a partir desta data. A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Referência

BRAULE, Pedro Oliveira. "Riding for the feeling": estéticas de turnês musicais. In: GALLY, Miguel et al. (org.). **Estéticas das viagens**. Belo Horizonte: ABRE - Associação Brasileira de Estética, 2022. p. 453-459.

ESTÉTICAS DAS VIAGENS



Miguel Gally

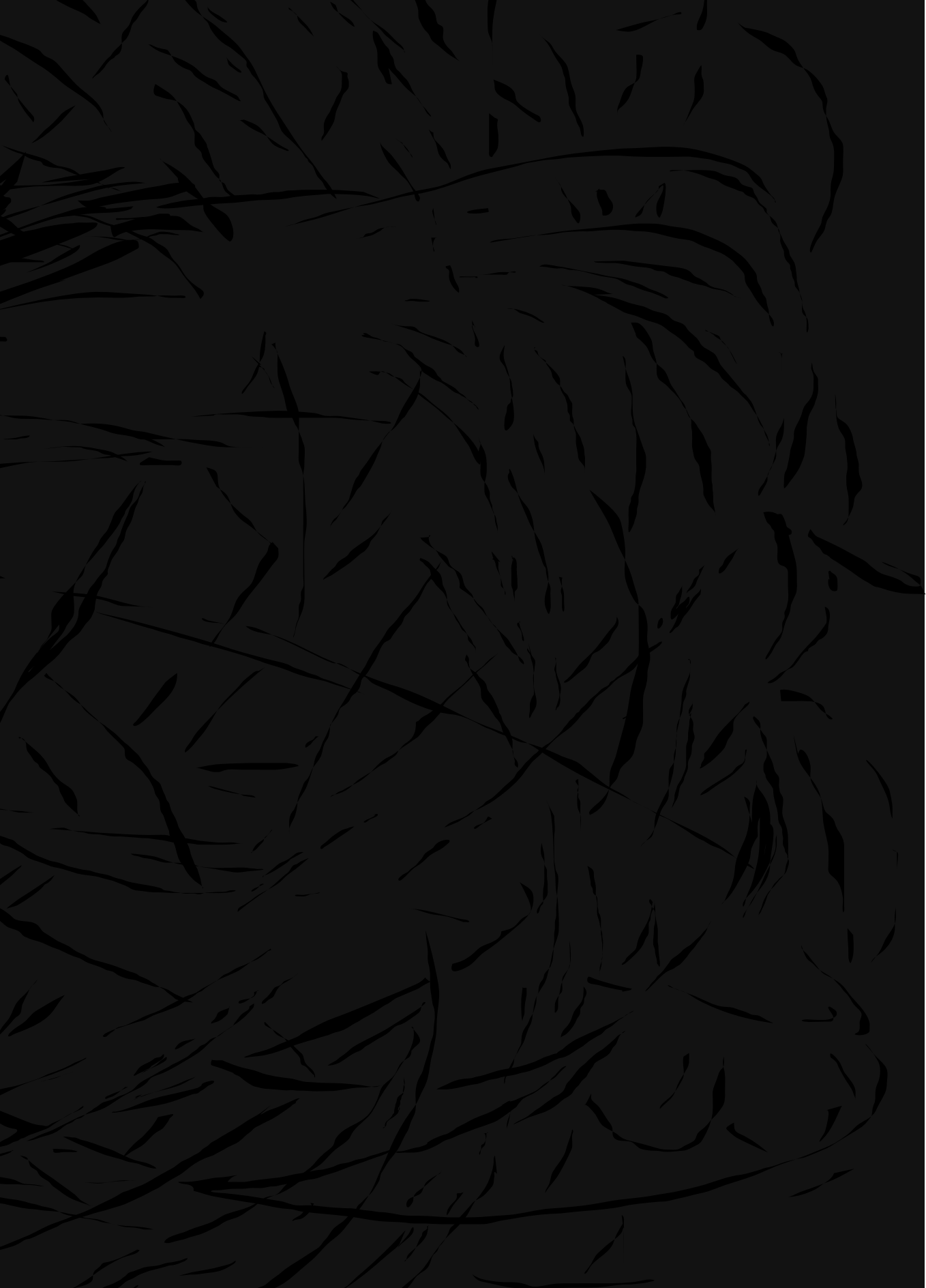
Carla Milani Damião

Priscila Rossinetti Rufinoni

Rita Márcia Magalhães Furtado

Tiago Quiroga

[Organizadores]



ESTÉTICAS DAS VIAGENS

Miguel Gally

Carla Milani Damião

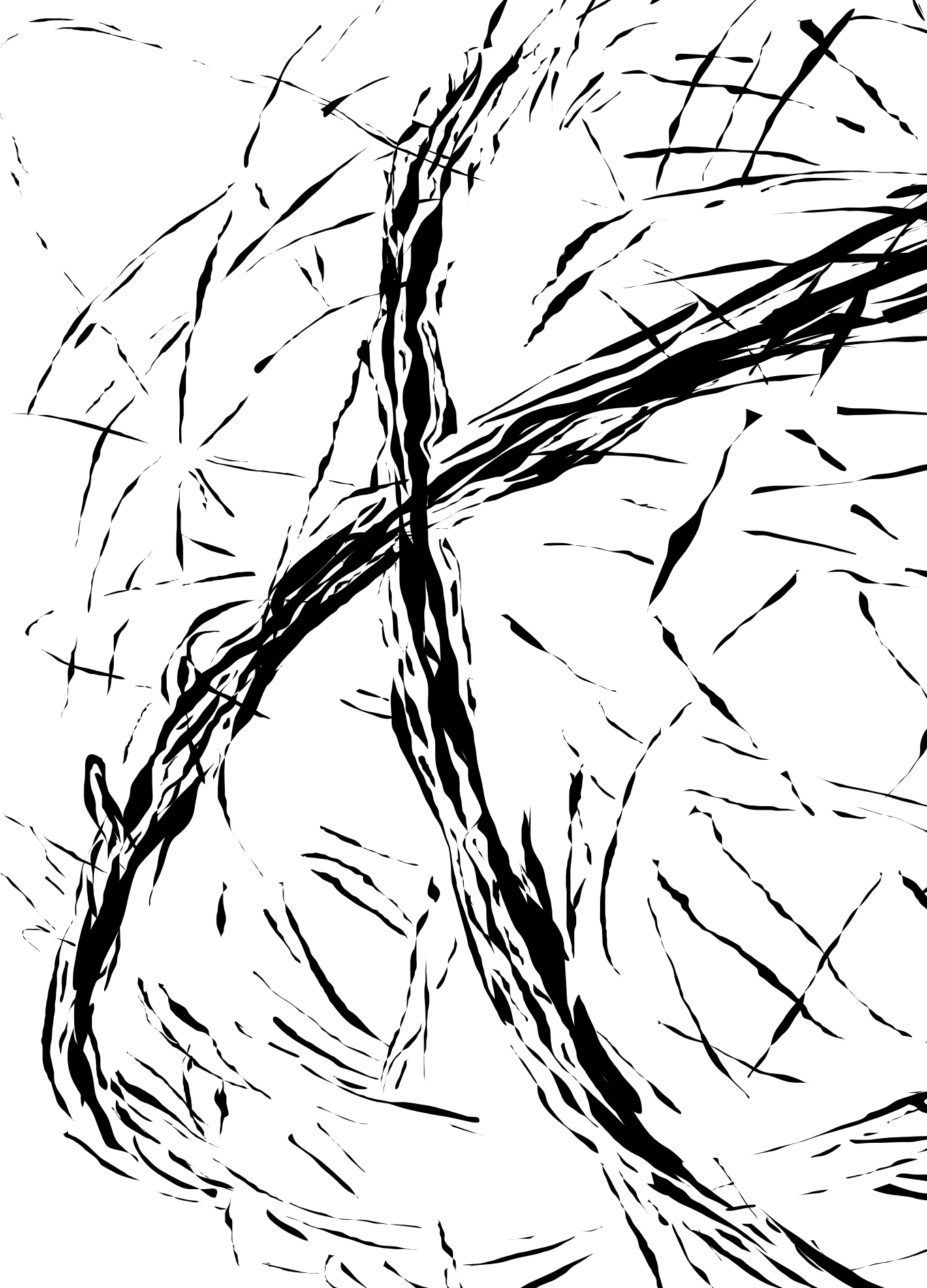
Priscila Rossinetti Rufinoni

Rita Márcia Magalhães Furtado

Tiago Quiroga

(Organizadores)

Brasília | 2022





FICHA TÉCNICA DO EVENTO

REALIZAÇÃO

Ambiente 33: Espacialidades, Comunicação, Estética e Tecnologias
Grupo de Pesquisa Interunidades FAC-UnB & FAU-UnB/CNPq
Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo/UnB
Programa de Pós-graduação em Artes e Cultura Visual/UFG
Programa de Pós-graduação em Comunicação/UnB
Programa de Pós-graduação em Filosofia/UFG
Programa de Pós-graduação em Educação/UFG

COMISSÃO DOCENTE

Carla Milani Damiano (Fafil/PPGFIL/PPGACV)
Miguel Gally (FAU/UnB – coordenação-geral)
Rita Márcia Magalhães Furtado (FE/UFG)
Tiago Quiroga (FAC/UnB)

COMISSÃO DE PÓS-GRADUANDOS/AMBIENTE 33

Arthur Gomes (FAU/UnB)
Cícero Portella (pesquisador independente)
Jorge Oliveira (FAU/UnB)
Lúcio Pereira de Mello (FAC/UnB)
Marina Sabioni (FAC/UnB)
Pedro O. Braule (FAU/UnB)
Rosemary F. Lopes (FAC/UnB)
Pilar Sanches (pesquisadora independente)
Tatiana Castro (FAC/UnB)
Tiago Mendes Figueiras (FAU/UnB)
Virgínia Manfrinato (FAU/UnB)
Viviane Rocha (FAC/UnB)
Yanet C. Arquéelles (FAC/UnB)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Estéticas das viagens [livro eletrônico] / organizadores Miguel Gally ... [et al.]. --
Belo Horizonte : ABRE - Associação Brasileira de Estética, 2022.
PDF

Outros organizadores: Carla Milani Damiano, Priscila Rossinetti Rufinoni,
Rita Márcia Magalhães Furtado, Tiago Quiroga
ISBN 978-85-60537-05-1

1. Arquitetura 2. Arte 3. Estética 4. Filosofia 5. Viagens I. Gally, Miguel. II. Damiano,
Carla Milani. III. Rufinoni, Priscila Rossinetti.
IV. Furtado, Rita Márcia Magalhães. V. Quiroga, Tiago

22-102849

CDD-701.17

Índices para catálogo sistemático:

1. Estética : Arte : Filosofia 701.17

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

COMISSÃO DE CURADORIA DA EXPOSIÇÃO DO EVENTO

Arthur Gomes (FAU/UnB)

Maria Eugênia Matricardi (SE/GDF –
coordenação-geral)

Maurício Panella (Instituto Casadágua-
RN/UFRN – consultor)

Virgínia Manfrinato (FAU/UnB)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Carla Milani Damião (Fafil/UFG)

Carlos Henrique Magalhães (FAU/UnB)

Eduardo Jesus (Fafich/UFGM)

Márcio Penna Corte Real (FE/UFG)

Maurício Panella (Instituto Casadágua-RN/UFRN)

Priscila Rossinetti Rufinoni (FIL/UnB)

Rita Márcia Magalhães Furtado (FE/UFG)

Tiago Quiroga (FAC/UnB)

APOIO TÉCNICO (NTI/FAC - UNB)

André Luiz Araújo

Armando José Oliveira Leite (estagiário)

Cristina Alves dos Santos

Daniel de Farias Caixeta

Douglas Bruno Ventura Costa

Guilherme Miziara (coordenação)

Herllon Novais do Nascimento

Leonardo de Sousa Nascimento

Raul Santos Ribeiro

Ruyter Curvello Duarte

APOIO INSTITUCIONAL

Associação Brasileira de Estética (ABRE)

Casa de Cultura da América Latina (CAL/UnB)

Fundação de Apoio à Pesquisa do Governo do Distrito
Federal (FAP-DF)

Universidade de Brasília (UnB)

Universidade Federal de Goiás (UFG)

COMUNICAÇÃO VISUAL DO EVENTO

Jeporu - web criativa

ILUSTRAÇÃO

Cícero Portella

PRODUÇÃO EDITORIAL

Isabella Atayde Henrique – Etcetera Produções

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Cristiane Dias – Raruti Comunicação e Design

CAPA

Pedro Balduino

REVISÃO E PREPARAÇÃO DE TEXTOS

Aline Canejo – Bazar Miçanga | Texto + Cultura



Accesse também o vídeo das comunicações e conferências, e seus respectivos debates, dentro da programação completa do IV Colóquio Internacional Estéticas no Centro - Estéticas das Viagens em <http://esteticasnocentro.org/programacao>



"Azuis". Série "Meu coração por ti bate como um caroço de abacate". Derivas e composições fotográficas em um sábado de manhã por Brasília. Foto: Thaís Kuri, 2020.



APRESENTAÇÃO

O “IV Colóquio Internacional Estéticas no Centro: Estéticas das Viagens”, realizado entre 21 a 23 e de 28 a 30 de junho de 2021, resultou de uma parceria da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade Federal de Goiás (UFG) tornada realidade por meio do suporte da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF). Teve como propósito central compartilhar afinidades de pesquisa e de formação acadêmica com o Brasil e o mundo. A rede de pesquisa “Estéticas no Centro” teve origem e é uma continuidade dos Colóquios Internacionais de Estética intitulados “Confluindo Tradições Estéticas” (2016), “Estética em Preto e Branco” (2017) e “Estéticas Indígenas” (2018), concebidos e realizados em Goiânia, na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás (UFG) por iniciativa e coordenação da professora Carla Milani Damião. Ao organizar o “IV Colóquio Internacional”, a rede renomeia a sequência desses eventos para “Estéticas no Centro”, dando mais um passo para sua consolidação. Essa nova rede de pesquisa e discussões interdisciplinar torna-se interinstitucional, reforçando uma parceria regional e, ao mesmo tempo, ampliando seu alcance internacional. Em seu título, carrega uma referência à região Centro-Oeste, mas, igualmente, pretende estar no centro das discussões sobre estética, mostrando-se como um fórum alternativo. Escolheu-se como tema central a viagem em sua vinculação com a estética, sendo esta relativa a um campo interdisciplinar do saber, lidando com percepções, experiências e seus desdobramentos reflexivos.

Esta publicação propicia uma síntese temática dos trabalhos apresentados no “IV Colóquio Estéticas no Centro” com ênfase nas viagens, abrindo-se para todas as analogias possíveis delas advindas. É uma divulgação, para além do público participante do seminário, dos trabalhos e das discussões que envolvem a problematização metodológica das viagens. Marca igualmente a constituição de categorias de análise de uma temática que ganha crescente relevância na produção e na circulação do conhecimento. Nessa abrangência temática, partimos da importância do nomadismo na formação das culturas humanas para chegarmos à ideia de *Bildung* (formação moral, intelectual, artística e cultural); das narrativas de viagens surgidas na tradição oral e na escrita do Ocidente, do modelo da *Odisseia*, de Homero, ao gênero dos filmes de estrada (*road movies*), *Westerns* e de ficção científica, além de incluir os incontáveis relatos de viagem, diários de bordo e escritos que fornecem suporte à aprendizagem de vida como modelo de um tipo de autoconhecimento que inclui necessariamente a alteridade.

As viagens estão ligadas à busca do conhecimento de si, à ânsia de alguém por deslocar-se de seu lugar de origem e vagar por outros espaços. A partir da experiência da distância e do estranhamento, cria-se um autêntico espaço de indagações cosmológicas e filosóficas, de busca e de nostalgia, mas, sobretudo, de descobertas que se dão no âmbito pessoal, coletivo, científico e/ou territorial. Assim, concomitantemente, é tema de investigações científicas e artísticas ou elas mesmas são produtos que geram conhecimentos, relações sociais e econômicas. As viagens constituem-se como tema de obras de arte e de relatos pessoais ou públicos, de registros ou diários de bordo, fazendo parte de experiências que se vinculam fortemente à memória. As viagens, como jornadas exploratórias que se instituem a partir do movimento nos âmbitos exterior e interior, são representativas de um “pensamento do mundo”; criam condições para um modo de existência outro, assentando sua base na errância como forma de sustentação de uma racionalidade; suas descrições provocam o imaginário no entrecruzamento de experiências, percepções e narrativas com a ciência, a história, a antropologia, a filosofia, a política e as artes.

As viagens pertencem igualmente a reuniões e rituais de rememoração oral das grandes aventuras de um povo, de maneira a transmitir seu conhecimento às novas gerações. Os aspectos narrativo e ficcional, com suas projeções imagéticas e explorações territoriais, fazem emergir um tipo de conhecimento que se caracteriza pela investigação e pela observação do espaço desconhecido. Desse universo, saltaria também uma nova personagem, um novo eu, um novo nós... Esse tipo de experiência é muito presente nas narrativas ficcionais, mas sobretudo autobiográficas. Tais relatos implicam uma vasta relação com o universo e permitem-nos admitir também uma dimensão das viagens independentemente do movimento, considerando as viagens interiores ou mais subjetivas, que nasceram, sobretudo, de tradições místicas.

Deparamo-nos ainda com os relatos, escritos e ilustrações dos investimentos colonialistas maquiados como “descoberta”, mas que se constituíram como exploração, invasão e incorporação de territórios. Nesse sentido, as grandes viagens de navegação podem ser lidas sob a chave dos estudos decoloniais ou pós-coloniais, ou seja, não mais como marcos do desbravamento corajoso, mas, sim, como evidências e testemunhos incontornáveis de crimes humanitários. Ailton Krenak, em visita a um museu em São Petersburgo, reencontrou peças e registros de sua cultura feitos por uma expedição etnográfica russa ao Brasil, quando seu povo existia em maior número e em terras mais livres. De lá, ele



trouxe o registro de um vocabulário perdido, que havia sido apagado da memória do povo Krenak, uma prova irrefutável da destruição causada pelo agente autopropagador da civilização. Como as de Krenak, outras narrativas põem em cena as migrações forçadas pela escravidão, pelo fluxo do capital, pelas guerras.

Em outra vertente, mas certamente ainda dentro do projeto colonialista, pode-se contrapor o movimento de (não) abertura de fronteiras no compasso do processo de globalização. Nesse caso, reforça-se a necessidade de realização de um comércio, livre do cerceamento do Estado, em aliança com a tecnologia, instituindo as viagens virtuais maquiadas como menos emissora de CO₂; veem-se ainda o atual fechamento e a criação de barreiras nacionais, com a construção de muros e a retenção de massas migratórias em campos de refugiados. Emergem daí novas narrativas ligadas a antigas experiências de dor e deslocamento provocados por um sentimento de desamparo desses grupos humanos em busca de uma vida melhor.

Quando vividas diretamente, as viagens alcançam verdades que expõem relações sociais e, na representação da aventura, da fuga, do desbravamento, da mudança, da perseguição, da exploração, da migração ou da transposição de fronteiras, indicam sua presença no solo comum desse planeta, para os que apenas o aceitam tal como é ou para os que se propõem a reinventá-lo. Direito, (in)justiça, riscos... Propagação de vida e anúncio de morte. A viagem é a salvação econômica de uns, a exploração e o desespero de outros. No período inicial da pandemia de coronavírus (fim de 2019), por exemplo, as viagens assumiram uma nova configuração que esbarrou e ao mesmo tempo superou o adiamento, a ausência, o vazio e a virtualidade, perpassando pelo deslocamento, ainda que cerceado pelo cuidado profilático e pelas normatizações sanitárias mais rígidas.

No campo do turismo de massa, sobretudo antes da pandemia, a comercialização de viagens surgia como uma contradição para a própria essência da definição de viagem. Isso porque tais viagens incitam que os deslocamentos físicos de pessoas aconteçam sem que estas se mudem efetivamente de lugar, tamanha a padronização nos locais que recebem esse contingente em constante deslocamento, mas ávido pelo igual, pelos mesmos serviços e pelos mesmos cenários.

Vistas enquanto viagens, as migrações e expatriações são temas de uma vasta produção crítica do ativismo político nas artes, que exploram experiências nas quais as (i)migrações se consolidam como um problema fundamental para uma adesão solidária do máximo número de pessoas no combate de tantas formas

de sofrimento. No mundo tecnológico, essas questões éticas das viagens surgem de modo igualmente polêmico quando se tematizam as viagens não tripuladas feitas por *drones*, aeronaves teleguiadas ou operadas por algoritmos. Tais viagens geram uma quantidade gigantesca de imagens e dados que se tornaram humanamente impossíveis de serem experimentados em sua singularidade, mas cujo banco de dados se torna fonte de evidências para processos criminais e base contra a corrente emergente das “verdades alternativas” (ou da “pós-verdade”).

As viagens ainda se projetam como experiência ou como ficção, contadas com imagens, falas, olhares, relatos escritos, cheiros e texturas, tornando-se filmes, performances, literatura, instalações, arquitetura, escultura, poemas, músicas e tantas outras formas de arte. As viagens expõem e reconcebem o mundo que habitamos e, em não poucas vezes, mostram este para nós de forma inovadora sob a clivagem caleidoscópica da criação, por uma perspectiva estética, de caráter multidisciplinar e formador. Há, porém, um foco preciso e básico ao longo dos textos que compõem este livro: lidar com o imaginário e a representação das viagens, mesmo que a existência destas seja objetiva e documentada. Um enlace entre o subjetivo e o objetivo, entre o individual e o coletivo, reunido à memória, ao tempo e ao espaço. As vicissitudes da temática justificam as provocações trazidas pelos subtemas que enunciaram as sessões de trabalho, que entendemos como novas provocações para o pensamento.

Assim, compartilhar as ideias debatidas no “IV Colóquio Internacional Estéticas no Centro: Estéticas das Viagens” nesta obra objetiva explorar os sentimentos e experiências vinculadas a esses grandes deslocamentos e seus impactos para o conhecimento, para a formação cultural e para a compreensão de quantas humanidades somos na medida em que, historicamente, foram as grandes viagens por terra ou água que aproximaram povos tão distintos e distantes e que, hoje, pelos ares ou virtualmente, aceleram ainda mais o mesmo processo. Partindo dessa importância fundamental, esta publicação reúne esforços interdisciplinares para investigar as experiências multissensoriais que as viagens proporcionam ou que lhe são atribuídas nas mais variadas formas pedagógicas, de artes e de registros no âmbito da comunicação. Portanto, o propósito deste livro é justificado por uma necessidade interdisciplinar de criar um diálogo com diferentes campos de pesquisa, trazendo pesquisadores experientes, mas também aqueles que estão no início da carreira ou ainda em processo de formação, construindo um espaço democrático de discussão composto por várias gerações.



Pretende-se pensar de maneira ampliada o sentido das viagens e as obras de arte que as investigam e exploram por linguagens diversas, porém sob a perspectiva estética. As viagens não são apenas acontecimentos e fatos objetivos, mas proporcionam experiências na ordem do sensível. As viagens deixam de ser uma ação isolada de deslocamento e têm o foco lançado no plano estético, seja manifestação do belo, do impactante, do aterrorizante ou do arrebatador, dando forma à dimensão vivencial das jornadas. Dessa maneira, ao priorizarmos tal campo de reflexão, os textos desta coletânea espelham os pontos de vista analisados pelos participantes do colóquio e são confrontados com as mais diferentes perspectivas de análise. Convergem, entretanto, para a vontade comum de atribuir à viagem uma atenção necessária, pois esta é catalisadora de uma memória coletiva, conceito indispensável para a compreensão das interpretações subjetivas e dos fatos que se misturam no campo social. Assegura-se que seu imaginário seja apreendido, abrindo-se a múltiplas interpretações e suscitando, face a um conjunto de abordagens, a força da narrativa ao descrever, compreender e explicar o caráter pluridisciplinar da viagem.

O “IV Colóquio Internacional Estéticas no Centro: Estéticas das Viagens”, que teve como anfitrião o Ambiente 33 – Grupo de Pesquisa Interunidades da Faculdade de Comunicação e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de Brasília, vinculado às linhas de pesquisa Estética, Hermenêutica e Semiótica (PPG-FAU/UnB) e Imagem, Estética e Cultura Contemporânea (PPG-COM/FAC/UnB), expressa ainda sinceros agradecimentos à toda sua equipe: Arthur Gomes, Cícero Castro, Jorge Oliveira, Lúcio Pereira de Mello, Marina Sabioni, Pedro O. Braule, Rosemary F. Lopes, Pilar Sanches, Tatiana Castro, Tiago Mendes Filgueiras, Virgínia Manfrinato, Viviane Rocha e Yanet C. Arqüelles. Agradecemos também aos professores Carlos Henrique Magalhães (FAU/UnB), Eduardo Jesus (Fafich/UFMG) e Maurício Panella (Instituto Casadágua-RN), pela participação irretocável na comissão científica do evento; a Maria Eugênia Matricardi (SE/GDF), pela coordenação da exposição de artes; e ao suporte financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF).

Miguel Gally

Carla Milani Damião

Priscila Rossinetti Ruffinoni

Rita Márcia Magalhães Furtado

Tiago Quiroga

(Organizadores)

Brasília, 6 de novembro de 2021

APRESENTAÇÃO	07
PARTE I - VIAJAR [É] FILOSOFAR	17
1. A viagem à Itália do jovem Benjamin Carla Milani Damião	21
Minha viagem à Itália, Pentecostes, 1912 Walter Benjamin	26
2. O reverso da filosofia: a contribuição das viagens de Hegel para a composição do capítulo sobre a arquitetura gótica nos Cursos de Estética Rosana de Oliveira	63
3. O culto às ruínas e as viagens do grand tour no século XVIII Rafael Fontes Gaspar	71
4. O caminho como metáfora: Octavio Paz no caminho de Galta Vinícius de Oliveira Prado	79
5. As afinidades eletivas entre Walter Benjamin (1892-1940) e Franz Kafka (1883-1924): tradição, melancolia e autonomia Flávio Borges Faria	89
6. Errância e falência da ação: uma nova figura da escrita e da viagem em Conrad e Rancière Daniela Blanco	97
7. O cinema soviético da década de 1920 no Diário de Moscou (1926-1927) de Walter Benjamin Douglas dos Santos	105
8. A viagem como método Eurípedes Afonso da Silva Neto	113
9. O caderno de viagem de Gilda de Mello e Souza: Itália e Piero della Francesca Juliana Siqueira Franco	121
10. As viagens modernas e a utopia: prefigurações do Novo Mundo entre Adorno e Bloch Alan David dos Santos Tórma	131

PARTE II - TERRAS, MARES, PAISAGENS E SEM FINS	139
11. Por uma poética da viagem: estar com a terra, habitar a paisagem Karina Dias	143
12. A importância das viagens para uma estética do surfe Miguel Gally	151
13. Cabos submarinos e conhecimento sobre o oceano profundo: oscilações epistemológicas entre a oceanografia e a comunicação Ruy César Campos Figueiredo	161
14. Não, não sou de Atenas ou Pelos caminhos que andei Alice Fátima Martins	169
15. Jequitinhonha: espaços, lugares e memórias Júnia Penna	177
16. Caminhar no semiárido: uma reescrita da história por corpos coletivos Sarah Hallelujah	185
17. Paisagem em trânsito transe Yasmin Adorno	193
PARTE III - ESPAÇOS URBANOS: ESTÉTICAS, ESPECTROS E ORNAMENTOS	201
18. A in/familiaridade [un/homeliness] do cosmopolitismo do pós-guerra: o caso da Alemanha Ocidental Natalie Scholz	205
19. Ruínas, paisagens urbanas e ornamentos: a educação do olhar como formação estética. Notas sobre as viagens de Simmel à Itália Wanderson Barbosa dos Santos	227
20. As placas de San Telmo Priscila Rossinetti Ruffinoni	235
21. Viagem cotidiana: Avenida Brasil Carlos Henrique M. de Lima	245

22. O plano urbanístico de Lucio Costa e o Cerrado infiltrado Thaís Perim Khouri	253
23. P'utuqsi – sobre uma viagem em residência artística Raísa Curty Carvalheira Sobral	261
24. As viagens de Oscar Niemeyer Eduardo Pierrotti Rossetti	269
25. Viagens espectrais e a arquitetura cemiterial moderna Leonardo Oliveira	279
PARTE IV – TRAVELING: ROAD MOVIES, ERRÂNCIAS E DESLOCAMENTOS	287
26. Estética e filosofia da viagem no tempo em filmes de ficção científica: Interestelar e A chegada Josef Früchtl	291
27. A canção da estrada (1955): uma viagem à infância de Apu Keyla Andrea Santiago Oliveira	305
28. Na natureza selvagem: relatos de viagem antepostos ao simulacro Luiz Gustavo Fonseca de Araújo	313
29. A viagem de Josué e Dora no filme Central do Brasil (1998) Pollyanna Rosa Ribeiro	321
30. A viagem como política e fabulação nas obras de Paulo Nazareth e Ana Pi Eduardo de Jesus	329
31. Brasília, cidade amputada: a nossa história fabulamos nós mesmos Alex Calheiros	345
32. Dispositivos errantes: artemídia e suas proposições críticas acerca da mobilidade Daniel Hora e Miro Soares	353
33. A narrativa da (falta de) intimidade em Double Blind Aka No Sex Last Night Lídia C. P. Ganhito	363

34. Visages, villages: a experiência fenomenológica da viagem no olhar estético de Agnès Varda e JR Rita Márcia Magalhães Furtado	371
PARTE V – MIGRAÇÕES, PEREGRINAÇÕES E DERIVAS	379
35. Peregrinar é narrar com os pés: narrativa e memória nos Caminhos de Santiago de Compostela Carolina Souza	383
36. A estética beira de estrada em Brasília Cícero Portella	393
37. O retorno do lugar na experiência do viajante contemporâneo Tiago Quiroga	401
38. “Um vai e puxa o outro”: migrações internacionais em perspectiva teórica e interdisciplinar Andréa Freire de Lucena e Luciana de Oliveira Dias	409
39. Da crítica à cidade funcional a uma perspectiva de deriva na cidade algorítmica Lúcio Mello	425
40. Deslocamento, justaposição e suspensão: considerações iniciais acerca da apropriação fotográfica na poética de Rosana Paulino Maíra Vieira de Paula	435
41. “Somos capazes de sonhar muito longe”: viagens oníricas e deslocamentos epistêmicos Mariana Andrade	445
42. “Riding for the feeling”: estéticas de turnês musicais Pedro Oliveira Braule	453
43. O artista caminhante: deslocamento e barreira em Francis Alÿs Mônica Vaz da Costa	461



“RIDING FOR THE FEELING”: ESTÉTICAS DE TURNÊS MUSICAIS

PEDRO OLIVEIRA BRAULE

I saw Stereolab in Bellingham and they played one chord for fifteen minutes. Something in me shifted. I brought back home belief I could create eternity.¹

(THE MICROPHONES, “The Microphones in 2020”)

RESUMO

Neste texto, busca-se discutir recortes de experiências sensíveis advindas das turnês musicais, por parte dos espectadores e artistas, realizadas após a invenção e a popularização dos mecanismos de gravação e reprodução, responsáveis por criar outra maneira, individual, de escuta da música que independe do ato de deslocamento. A argumentação baseia-se em filmes de turnê, textos teóricos e relatos pessoais que, quando postos em contato, pretendem revelar uma noção mais abrangente de um tipo específico de artistas viajantes.

INTRODUÇÃO

Neste texto, serão discutidos pequenos recortes das experiências sensíveis possibilitadas pelas turnês musicais. Primeiramente, será retratado como o advento da gravação de sons criou uma nova maneira, solitária, de ouvir a música, que se distancia da noção coletiva das performances musicais. Em seguida, serão apresentadas a experiência da viagem musical por parte dos espectadores, com base em textos teóricos e relatos e, por fim, a experiência sensível das turnês musicais pela perspectiva dos artistas. A discussão proposta aqui busca enaltecer a importância das viagens para a potencialização da experiência musical.

1. Tradução livre do trecho: “Eu fui ver o Stereolab em Bellingham, e eles tocaram um acorde por quinze minutos. Algo em mim mudou. Eu trouxe de volta para casa a crença de que eu poderia criar a eternidade”.

A expansão das possibilidades no que diz respeito à gravação é um ponto-chave para a mudança de nossa relação com a música. Em tempos anteriores à tecnologia de gravação de sons, a música sempre precisava ser performada ao vivo pelo artista, estruturando-se em uma temporalidade e uma espacialidade únicas e limitadas aos ouvintes presentes. Nesse sentido, há um interessante adendo em uma palestra ministrada pelo músico David Byrne,² acerca de uma relação importante entre música e arquitetura, de como as músicas eram compostas de acordo com sua finalidade, ou seja, com as propriedades acústicas da igreja, da sala de concerto ou do estádio em que iria ser tocada. Ainda sob esse raciocínio, ele acusa o aparelho de escuta individual como o novo “espaço” pensado para a execução da música. No entanto, é importante destacar que a experiência do ouvinte nas espacialidades físicas, citadas por ele, não pode ser comparada tão diretamente com o espaço digital, como se essa fosse uma evolução natural. A gravação permite que um fenômeno, antes exclusivo a um tempo e espaço específicos, esteja disponível em qualquer lugar, a qualquer hora, como explicado pelo pesquisador e artista Pedro Vieira (OLIVEIRA, 2012, p. 17), o que não significa que haja uma participação ativa por parte dos ouvintes – pelo contrário.

A citação enunciada pela epígrafe, da banda estadunidense The Microphones, induz uma reflexão: pelo lado do espectador, entendemos que uma das questões mais importantes do acontecimento da performance musical se encontra na produção do único. Mostra-se interessante perceber que o evento, que o autor da música entende como uma experiência marcante, é descrito de uma maneira tão monótona: a banda Stereolab tocou o mesmo acorde por 15 minutos. É por aqui que engatamos uma discussão acerca da sensibilidade do espectador, e de como isso acontece de maneiras bastante diferentes em um show, quando comparado com a música gravada. A singularidade sensível que habita as performances musicais é construída por um conjunto de relações não necessariamente musicais no show – estas que dependem de espectadores, artistas e local.

A VIAGEM DOS ESPECTADORES

A música gravada parece menos valiosa neste momento (Anne Hilde Neset in Dworsky and Köhler 2011), em que está amplamente disponível e sempre presente, enquanto uma performance ao vivo ainda é uma ocasião única, cheia

2. Ted Talk de David Byrne, 2010. Disponível no *link*: https://www.ted.com/talks/david_byrne_how_architecture_helped_music_evolve?language=pt-br. Acesso em: 16 set. 2021.



de momentos imprevisíveis à mercê de seu acontecimento. E a audiência precisa estar lá para testemunhá-los enquanto acontecem (OLIVEIRA, 2012, p. 57).³

Partindo da citação de Oliveira, entende-se que uma das diferenças fundamentais na experiência entre a música gravada e a performance musical está na necessidade do deslocamento. Como a música gravada congela seus próprios tempo e espaço, estes estarão para sempre inacessíveis para o ouvinte, que ouve um outro tempo, em outro lugar. É estabelecida uma relação de distância. Eu diria até que há uma espécie de viagem envolvida ao escutar uma música de outro lugar e tempo, mas que é essencialmente diferente da necessidade de deslocamento físico para que se possa participar de um show. Assim, participa-se de um show – e nesse sentido participar de um show e ouvir um show são ações fundamentalmente diferentes. Tanto é que, normalmente, não se fala que se ouviu um show. Comumente, refere-se à situação como um “eu fui a um show”. A plateia é um elemento coringa, que dita e potencializa a expressão sonora. Ela pode fazer com que um momento se torne inesquecível, mas também não se interessar e limitar uma performance, de modo que há esforço constante por parte dos artistas de cativar sua audiência. Desse modo, busca-se compreender melhor a experiência dos ouvintes:

Música e performances ao vivo são temas complicados de se lidar. Por mais que pareça inevitável para a academia tentar racionalizar e divagar na filosofia por trás do engajamento humano com a música, este permanece um território em grande parte indomado. Será que realmente é possível entender e alcançar o porquê de as pessoas se sentirem compelidas a, por instância, viajar milhares de quilômetros, dormir e residir em condições quase sub-humanas, só para ouvir algumas pessoas tocando em um palco por algumas horas? (OLIVEIRA, 2012, p. 12).⁴

De fato, a experiência de um show muitas vezes não é confortável. Digamos que há sempre uma forma de sacrifício por parte do ouvinte, que tem de abdicar de seu tempo para se deslocar até o local, esperar o início da apresentação e, muitas vezes, renunciar a seu conforto. São horas em pé, com um espaço pessoal reduzido, às vezes ao ponto de ficar imobilizado e sufocado. A música, em um show, tende a ser o foco pois, principalmente com a tecnologia de gravação, ganha força a noção da música como plano de fundo, que serve para preencher um espaço vazio, geralmente secundário a outra função principal.

3. Tradução livre.

4. Tradução livre.

A performance ao vivo nega isso. Todo o sacrifício do ouvinte dá-se por um objetivo: escutar e estar presente na música. Essas experiências são muitas vezes intensas, às vezes dolorosas fisicamente, de modo até a possibilitar um transe, no qual nada mais importa além do estar ali, ouvindo aquela música, cantando, dançando, participando. É uma balança interessante entre foco e distração, entre fazer parte de um coletivo e ter um momento de introspecção. Essa experiência pode se dar de várias maneiras, mas é comum até sentir um baque após seu fim, um retorno à realidade. O espectador desloca-se para poder estar presente na música.

A VIAGEM DOS ARTISTAS

Após trazer a perspectiva dos espectadores, é produtivo discutir um pouco acerca da experiência das turnês por parte dos artistas. É cada vez mais comum o movimento de redução das turnês a somente um artifício econômico que sustenta e aumenta a exposição dos artistas. Já é um processo regular: certo grupo lança um álbum e marca uma turnê para apoiar e divulgar esse novo material. Não que haja problema nisso, mas precisamos ir além da noção de que as turnês são somente um trabalho para os músicos, as viagens em si – sua duração, o meio de transporte, as logísticas de hospedagem e, principalmente, as atividades que os artistas realizam quando não estão apresentando – são importantes para o desenvolvimento criativo dos artistas. A viagem musical não pode ser entendida somente como um trabalho para divulgar uma arte; ela já é artística em si. Os recortes apresentados em seguida não são necessariamente representativos de uma ideia geral de turnê musical, mas são importantes para trabalharmos questões sensíveis relatadas pelos artistas, de modo a entendermos como eles afetam e são afetados em suas viagens.

Começamos com a análise de um acontecimento no documentário *Os Doces Bárbaros* (1976). Os Doces Bárbaros foram um supergrupo formado pelos baianos Gilberto Gil, Caetano Veloso, Maria Bethânia e Gal Costa para uma turnê comemorativa das carreiras individuais dos músicos. O documentário busca relatar como foi essa turnê; no entanto, ele registra um acontecimento emblemático que é relevante para nossa discussão: em um certo momento do filme, revela-se que houve uma denúncia anônima, que levou os policiais ao hotel em que os músicos estavam hospedados. Foi encontrado, em posse de Gilberto Gil, o equivalente a cerca de três maços de maconha. Gil foi julgado em um tribunal de Florianópolis, preso e internado em uma clínica psiquiátrica.

É interessante como o documentário mostra as circunstâncias do acontecimento. Por ser um período ditatorial que previa uma pena de prisão para usuários de



drogas, fica claro que usaram Gilberto Gil como exemplo, o qual teve de alegar que era dependente físico e psíquico para evitar sua prisão.⁵ Mesmo assim, ele foi internado brevemente em um hospital psiquiátrico e, após sua soltura, continuou sendo observado para que não houvesse um caso de reincidência. Do mesmo modo, ele continuou participando das apresentações, já que era seu trabalho. Contudo, e talvez isso tenha sido evidenciado de maneira proposital pelo diretor Jom Tob Azulay, após esse acontecimento Gil perde um pouco o protagonismo no filme, que se inicia com os quatro músicos claramente se divertindo no processo de viajar e tocar suas músicas. Após o acontecimento, parece que Gil entra em uma lógica mais pragmática de viajar para trabalhar. De Gil, foi retirada a possibilidade de viajar como seus companheiros e, por consequência, sua expressão artística fora limitada.

Já sob uma outra ótica, faz-se relevante discutir brevemente o documentário *Apocalypse: a Bill Callahan Tour Film* (2012), dirigido por Hanly Banks. O filme foi o resultado da gravação da turnê referente ao álbum *Apocalypse*, do cantor-compositor estadunidense Bill Callahan, que trata constantemente de temáticas de viagens e deslocamentos. Essa temática do trabalho artístico do músico fica claro em certas falas suas no documentário:

Se eu realmente sento e me pergunto o que estou fazendo, eu estou indo para a estrada por um mês, eu vou tocar essas músicas por um mês, em todas essas situações diferentes... Isso não faz sentido. É bom ter uma roupa para trocar e tirar, porque podemos deixar o show de lado, meio que, enquanto você está viajando naquele dia, ao invés de se preocupar, ou pensar muito sobre o show o dia todo, como o que entra na mochila. E eu coloco a roupa e tudo vai dar certo.

Eu penso que o que estou fazendo no palco é, estou sendo o escritor, exposto. E penso que quando estou apresentando ao vivo, é realmente... o eu mais real que há. Eu preciso estar na música de uma maneira tão profunda como as palavras que escrevi. Se consigo dar isso às pessoas, é tudo o que me importa (APOCALYPSE, 2012).⁶

As citações foram transcritas diretamente do filme e traduzidas. Assim, podemos entender melhor as reflexões de um músico viajante. Existem muitos aspectos rígidos e predefinidos em uma turnê, como o próprio figurino dos artistas, o que curiosamente, na visão de Bill, liberta o músico de um certo nervosismo com a performance. Isso habilita os artistas a viajarem, sem ter que se preocupar constante-

5. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2009-jun-04/imagens-historia-dia-gil-foi-condenado-uso-maconha>. Acesso em: 6 set. 2021.

6. Transcrição e tradução livres.

mente com o show. Outro aspecto interessante é de uma necessidade de imersão por parte do artista dentro da performance. Só assim ele consegue alcançar seu objetivo como músico. Diria até que esses dois aspectos, a viagem e a imersão são componentes necessários para uma apresentação musical de sucesso.

Na canção *Riding for the Feeling*, tema central do álbum *Apocalypse*, Bill emula não um músico em turnê, mas, sim, um palestrante visitante que tem dificuldades de dizer adeus para os espectadores de suas palestras. Ele divaga sobre uma suposta necessidade de atender às expectativas dos ouvintes, de responder todas às suas perguntas. Bill não é o único músico que trata dessa relação com a plateia. David Byrne, em um ponto do filme *Stop Making Sense* (1984), pergunta para a audiência, entre músicas, se alguém tem uma pergunta. Enfim, tal música em específico de Bill mostra uma interessante preocupação do artista com o seu fã, uma relação de proximidade com pessoas que ele nunca mais vai ver. Apoiado pelas transcrições do filme, podemos ver um exercício reflexivo do artista em relação à sua condição como viajante que está sempre indo embora. Na música, ele percebe, após a palestra, que quase não falou sobre o tema que queria falar. Em vez disso, focou, quase involuntariamente, nas relações com os espectadores presentes. O filme é um registro bastante bonito de um músico que viaja dirigindo uma van, engajado no ato de viajar e refletir.

CONCLUSÃO

Após toda a pesquisa, incluindo os filmes assistidos e os relatos lidos, é difícil não fazer uma crítica à massificação da cultura musical. O grande alvo dessa crítica está nos shows muito grandes, com movimentos orquestrados até o último segundo. Pensar nas viagens é bastante útil para entendermos essa questão. Ao se tratar de shows com artistas que viajam em aviões privados, ficam nos mais caros hotéis e, por fim, se apresentam para seus fãs leais de uma distância considerável, imposta pelas enormes estruturas comuns em festivais e turnês hoje em dia, percebe-se a separação propositalmente criada entre artista e ouvinte. Os artistas agora se tornam ídolos intocáveis que, para cumprir as mais altas exigências de seus fãs, realizam shows, em sua maioria, iguais em diferentes localidades. A turnê musical pode muito bem ser entendida como uma ocasião propícia para a aproximação entre artistas e espectadores, mas o que acontece nessa descrição é o exato oposto disso.

Gostaria de encerrar trazendo uma premissa teórica de Jacques Attali que afirma que “a economia política da música não é marginal, mas premonitória.



Os ruídos de uma sociedade estão à frente de suas imagens e seus conflitos materiais. Nossa música prevê nosso futuro. Devemos emprestá-la uma orelha” (ATTALI, 1985, p. 11).⁷ Podemos dizer que o advento da música gravada, e a subsequente transformação da música, antecipou uma nova relação com o ouvinte: o que era um evento social se tornou cada vez mais um exercício privado; a necessidade do deslocamento foi cortada e a distância entre artista e espectador, aumentada. Percebemos crescentes comodificação e individualização da experiência musical: as próprias turnês, como conhecemos hoje, são um produto a ser vendido. A música gravada permitiu o ato de posse da música, antes um acontecimento social, agora uma experiência privada, cujo acontecimento depende somente da vontade do ouvinte. Por isso, devemos exaltar as viagens musicais, dos espectadores e artistas, como um mecanismo de libertação e potencialização artística e sensível destes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOCALYPSE: a Bill Callahan Tour Film. Direção de Hanly Banks. Estados Unidos: Andrew Goldman. Documentário (65 min.), 2012.

ATTALI, Jacques. *Noise: the Political Economy of Music*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1985.

OLIVEIRA, Pedro. *The Shape of Live that Never Came: A Speculative Approach to the Future of Live Musical Performance*. Dissertação (Mestrado em Digital Media). Hochschule für Künste, Bremen, Alemanha, 2012.

OS DOCES Bárbaros. Direção de Jom Tob Azulay. Brasil: Biscoito Fino. Documentário (100 min.), 1976.

STOP Making Sense. Direção de Jonathan Demme. Estados Unidos: Arnold Stiefel Company. Documentário (88 min.), 1984.

MINIBIOGRAFIA DO AUTOR

Pedro Oliveira Braule é mestrando no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU/UnB). Bacharel em Arquitetura pelo Centro Universitário de Brasília. Pesquisador do Ambiente 33 – Especialidades, Comunicação, Estética e Tecnologias – grupo de pesquisa interdisciplinar FAU & FAC/UnB/CNPq.

7. Tradução livre.

Realização



UnB PPGCom/FAC



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO - PPGE



Apoio



UnB



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



ABRE
ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE ESTÉTICA



faunb



FAC



UnB

DEX

Casa da Cultura
da América Latina